

DOS SABERES INDÍGENAS: O NOSSO PAPEL TAMBÉM É FAZER ARTEGraça Graúna¹

A presente contribuição ao estudo da história e da cultura indígena no Brasil é uma releitura de minha entrevista à *Palimpsesto*, uma revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, em 2015. A releitura vinda da oralidade e transfigurada na escrita se transforma em escrevivência, no sentido de que estão vivas (em mim) a poesia, a história e a memória dos antigos. Expor essa escrevivência e preservá-la em forma de relato significa também resiliência, e é uma das maneiras de fortalecer a nossa resistência, a nossa identidade indígena. Negar essa resistência configura uma afronta, como diria Jerome Rothenberg na obra *Etnopoesia do milênio* (2000).

De Norte a Sul, de Leste a Oeste, tenho percorrido Universidades brasileiras onde tem lugar o incentivo a estudos e pesquisas acerca dos povos indígenas. Contudo, a indiferença e o descaso ocorrem também no meio universitário, onde nos deparamos com pessoas que trazem uma visão estereotipada acerca do indígena. Até compreendo que isto ainda aconteça, pois os estudantes, em geral, ainda carregam os “ensinamentos” de uma educação bancária. Entendo que muitos não foram incentivados a respeitar o ser indígena, a estudar e pesquisar acerca dos diferentes povos originários deste país. Infelizmente, os equívocos de Colombo ainda perduram; pois muitos ainda carregam a noção de que nós, indígenas, somos preguiçosos, dissimulados, ignorantes; tratam a nós, indígenas, como se fôssemos seres irracionais e invisíveis; querem falar por nós, escrever por nós. Infelizmente muitos desconhecem que ser indígena é também se apresentar – quando necessário – como protagonista de sua própria história. Ser indígena é ter consciência da autonomia do grupo a que pertence e de si mesmo.

E sempre que me perguntam o que é ser indígena, me vem à memória uma série de pensamentos que ouvi, li e intuí de diferentes lideranças indígenas. Dos saberes indígenas, cabe

¹ **Graça Graúna** é o registro indígena e literário de Maria das Graças Ferreira, da etnia potiguara (RN). É doutora em Letras - Teoria da Literatura, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e realizou estágio pós-doutoral em Literatura, educação e direitos indígenas pela UMESP. Coordena o Grupo de Estudos Comparados: literatura e interdisciplinaridade (GRUPEC), junto à UPE/CNPq. É membro titular do Conselho de Educação Escolar Indígena (CEEIN) em Pernambuco. Pesquisadora e autora de livros (poemas, ensaios e literatura infanto-juvenil) voltados, sobretudo, ao universo indígena.

sublinhar alguns exemplos. Cito frases que habitam minha memória, repetidamente afirmadas por nossos líderes:

Posso ser o que você é, sem deixar de ser o que sou. (Marcos Terena, povo Terena/MT);

Antes nós não sabíamos que tínhamos limites, só sabíamos que tudo era floresta... Agora demarcamos nossa área porque é só o que sobra dos lugares antigos. (Kumai, povo Waiampi/AP);

Não digo: eu descobri essa terra porque meus olhos caíram sobre ela, portanto a possuo. Ela existe desde sempre, antes de mim. (Davi Yanomami, pajé e líder do povo Yanomami/AM);

No dia em que não houver lugar para o índio no mundo, não haverá lugar para ninguém. (Ailton Krenak, povo Krenak/MG);

Nós, os índios, sempre dançamos nas nossas cantorias, como forma de manter a unidade do nosso povo e a alegria da comunidade. Se a gente cantar e dançar, nós nunca vamos acabar. (Verônica Tembé, povo Tembé/MA);

A preservação da cultura indígena, em vez de barrar o progresso, como dizem alguns caçadores de índio, estará salvando nosso país da destruição de muitos valores, provocada por essa selvagem civilização tecnocrata. (Margarida Tapeba, povo Tapeba/CE).

Mas como exercer a nossa autonomia se somos constantemente sufocados pelo fantasma de um encargo jurídico (tutela) que interfere negativamente em nossas vidas? Acho um absurdo. Ainda soa muito estranho a chamada política de “proteção” ao índio. Que espécie de proteção é essa que silencia a voz indígena, que desrespeita nossas crenças, nossos costumes, nossos valores, nossas histórias, nossas memórias, nosso direito de ir e vir? A chamada tutela está enraizada na noção de que os povos indígenas são atrasados. No Brasil e noutros países, os indígenas são considerados como um empecilho ao progresso.

Paradoxo da tutela: numa mão a cruz; na outra, uma espada. Apesar das barreiras todas que enfrentamos, também apreendemos que existe uma luz no fim do túnel; mas como expressar essa ideia de uma forma mais associada a nossa natureza? Ver a luz no fim do túnel pode significar o desejo de manter viva a chama, preservar o sonho de paz na aldeia; poder mergulhar nos rios doces e cheios de vida; andar livremente pelas matas; ouvir nossos anciãos contarem as histórias dos mais antigos; aprender com os pajés sobre os mistérios da natureza; amanhecer com os pássaros; ver respeitada, acolhida, reconhecida a nossa identidade de filhos(as) da Terra.

Desde 1500, nós, indígenas, nos indignamos pelo direito ao nosso lugar no mundo; mas olhem que interessante! Não é à toa que o barco e o arco da nossa história nos levam a um cenário incomum: hoje, o indígena pode ser doutor, advogado, antropólogo, sociólogo, professor, jornalista e escritor, entre outras profissões que se destacam na sociedade dominante. Para ilustrar a questão, tomo a liberdade de enfatizar a importância do Curso “Dimensões da Cultura Indígena” (2015). Promovido pelo Ministério da Justiça, junto à FUNAI e ao Museu do Índio do Rio de Janeiro, o curso enfatizou o protagonismo indígena em educação, literatura e política. Conforme a organização do evento, a novidade foi a presença de professores indígenas de diversas etnias que ministraram as aulas, entre 20 e 30 de julho. O Curso contou com os seguintes nomes e respectivos temas:

- Luiz Henrique Eloy (Terena, doutorando em Antropologia Social/Museu Nacional/UFRJ) – Terra tradicionalmente ocupada: o local de direitos coletivos;
- Maria das Graças Ferreira (Graça Graúna) (Potiguara/RN, doutora em Teoria da Literatura/UFPE) – Literatura indígena: entre lugar, memórias e utopias;
- Maria das Dores de Oliveira (Maria Pankararu) (Pankararu, doutora em Linguística/UFAL) – Ofayé, a língua do povo do mel;
- Gersem José dos Santos Luciano (Baniwa, doutor em Antropologia/UnB) – Educação para manejo do mundo: o desafio da escola indígena;
- Jera Poty Mirim (Guarani/SP), Lucas Benites Xuru Mirim (Guarani/RJ), Jucimar Paikyre (Bakairi/MT) e Algemiro Poty (Guarani/RJ) - Mesa redonda sobre educação e cultura indígena
- Wanderley Dias Cardoso (Terena, doutor em História/PUC-RS) – A história da educação escolar para o Terena;
- Daniel Munduruku Monteiro Costa (Munduruku, doutor em Educação/USP) – O caráter educativo do movimento indígena brasileiro: o estado da arte;
- Rita Gomes do Nascimento (Potiguara, doutora em Educação/UFRN) – Panorama atual da política nacional de educação escolar indígena: perspectivas e desafios;
- Tônico Benites (Guarani Kaiowá, doutor em Antropologia Social/Museu Nacional/UFRJ) – A trajetória e a luta contemporânea dos povos Guarani: subgrupos Mbya, Nandeva e Kaiowá;
- Nelly Dollis (Marubo/AM), Simone Eloy (Terena/MS) e Sandra Benites (Guarani/RJ)- Mesa redonda sobre a mulher indígena na universidade.

Na aula inaugural do Curso “Dimensões” de 2015, o protagonismo se revelou na análise crítica do advogado terena, Luz Amado, que destacou o desafio dos povos indígenas na luta pelo reconhecimento do território, e o avanço da Constituição de 1988, que barrou a prática de tutela pelo Estado, que até então impedia o indígena de falar por si mesmo e de exercer a própria cidadania.

Com referência a esse protagonismo, a página do Museu do Índio na internet destaca o Direito, a Arquitetura e a Literatura, em dimensões indígenas, no Curso As discussões acerca das literaturas (oral e escrita) e das línguas indígenas propiciaram uma “envolvente tarde de poesia e prosa” conforme noticiado no *site* do Museu (SALTARELLI, 2015b). Os participantes também conheceram a pesquisa de Maria Pankararu, sobre a língua Ofayé (MS), da qual restam apenas oito falantes. Maria Pankararu é a primeira doutora indígena na área de linguística, no Brasil.

Ao longo do Curso “Dimensões 2015”, os debates prosseguiram. O antropólogo Gersem Baniwa enfatizou a necessidade de integração entre a sociedade indígena e a não indígena, a importância do referido curso ser ministrado por intelectuais indígenas e a construção de uma sociedade que respeite os diferentes modos de cultura e de viver.

Entre rodas de conversa e dinâmicas interativas com cineastas indígenas e alunos, o Curso “Dimensões” mostrou também a importância da tecnologia para o registro da cultura indígena, e o uso dos recursos naturais na arquitetura indígena, em construções idealizadas no meio urbano.

O *site* do Museu do Índio ressalta que Nelly Dollis (Marubo/AM), Simone Eloy (Terena/MS) e Sandra Benites (Guarani/ RJ) marcaram o último dia do curso ao discutirem sobre os desafios da mulher indígena na universidade. O grupo de acadêmicas de diferentes etnias relatou as dificuldades de viver entre a aldeia e a cidade grande e debateu sobre o desafio que é “transitar por mundos tão distintos, quase antagônicos culturalmente, [um] desafio intensificado pela dupla condição de ser mulher e ser indígena”. (SALTARELLI, 2015a).

Ao pensar na necessidade de diálogo entre literatura, educação e direitos humanos – a começar pela história e pela cultura na percepção indígena, vem à mente, ainda, a Lei 11645/08, que obriga o estudo da história e da cultura indígena nas escolas brasileiras. Infelizmente esta ainda é pouco estudada.

A propósito, cabe até perguntar de que forma os professores, as professoras do ensino fundamental, médio e do meio acadêmico em geral, estariam dispostos a perceber o direito à liberdade, à justiça e o respeito aos diferentes povos indígenas. Será que essa Lei traz respostas

para isso tudo? Cabe também frisar que não está fora da validade refletir acerca da morte do índio pataxó Galdino, como mostra Paulo Freire (2000, p. 13), em *Pedagogia da indignação*:

Que coisa estranha, brincar de matar índio, de matar gente. Fico a pensar aqui, mergulhado no abismo de uma profunda perplexidade, espantado diante da perversidade intolerável desses moços desgenticando-se, no ambiente em que decresceram em lugar de crescer.

Aproveito a oportunidade para sugerir uma visita aos *sites*, aos *blogs*, aos *twitters* e outras redes sociais (www.mulheresindigenas.org e www.thydewa.org), onde, se desejarem, com fins educacionais, podem também obter gratuitamente livros, artigos e outras importantes publicações de autoria indígena. Não é por acolher as novas tecnologias que o indígena deixa de ser o que é: filho(a) da Terra, na luta constate pelo fortalecimento das suas raízes, da sua cultura. Nessa perspectiva, convém apresentar (em ordem alfabética) alguns exemplos de *sites* e *blogs* atualizados:

- <http://aikewara.blogspot.com.br/>
- <http://ajindo.blogspot.com.br/>
- <http://aldeiaindigenapiacaguera.blogspot.com.br/>
- <http://aldeianhamandumirim.blogspot.com.br/>
- <http://amazonirfulnio.blogspot.com.br/>
- <http://apiwtxa.blogspot.com.br/>
- <http://artekaxinawa.blogspot.com.br/>
- <http://associacaoindigenakuikuro.blogspot.com.br/>
- <http://danielmunduruku.blogspot.com.br/>
- <http://denilsonbaniwa.com.br/>
- <http://www.elianepotiguara.org.br/home.html>
- <http://www.indiosonline.net/>
- <http://www.jovensindigenas.org.br/>
- <http://marcosterena.blogspot.com.br/>
- <http://www.nhandeva.org/indexpor.htm>
- <http://wara.nativeweb.org/associacao.html>
- <http://oliviojekupe.blogspot.com.br/>
- <http://www.paiter.org/>

- <http://ronildoterena.blogspot.com.br/>
- <http://www.seculosindigenasnobrasil.com/>
- www.tecidodevozes.blogspot.com.br
- <http://tekoapyau.blogspot.com.br/>
- <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/>

Nunca é demais repetir que o nosso papel também é fazer Arte, pois reconhecemos outras formas de escrever e de ler o mundo. Aprendemos com os nossos anciãos, as nossas anciãs, que os colares, as esteiras, as pulseiras, as redes que nos embalam e outros artefatos que tecemos fazem parte da nossa escritura. Temos essa ciência. Isto faz parte dos nossos saberes. Desde criança, aprendemos a valorizar a nossa história, a nossa cultura, o nosso jeito de ser e de viver, ainda que tudo isso seja desvalorizado pelo “branco” ou, como reza o dizer politicamente correto, pelo “não indígena”.

Sempre ouvi do meu velho pai que a água tem memória, que ninguém a impede de seguir o caminho. Tenha pau ou pedra pelo caminho, a água enfrenta e segue. Acho essa imagem forte porque traz muito significado e aprendizado. Meu pai pescava no mangue, pegava caranguejo, “unha de véio” (um tipo de ostra), muçum (um peixe preto comprido feito cobra) e outros frutos da maré pra garantir a nossa sobrevivência. Nesse ritmo fui aprendendo a escrever desde cedo. Parte da minha infância e adolescência foi assim, entre a maré ajudando meu pai e a máquina de costura, o desenho e o artesanato e as histórias que aprendi com a minha mãe e a minha avó. Essa trajetória traz o compasso dos nossos ancestrais (a água, o fogo, a terra, o ar).

Desde os antigos povos indígenas espalhados pelo mundo, os parentes (tratamento que os indígenas temos entre nós, independente do laço consanguíneo) mantêm a tradição de não poupar saudações, agradecimentos ao Mundo Natural. Isto, no dizer dos sábios indígenas, forma um princípio norteador da cultura. Desse modo, considero tão importante quanto necessário compartilhar os saberes extraídos do livreto *Palavras antes de tudo*, publicado por *Native Self-Sufficiency Center, Six Nations Indian Museum*²; um livreto-presente que recebi das parentes Darlene Taukane e Izabel Taukane (etnia bakairi/MT) quando participamos do “VI Encontro de escritores e artistas indígenas”, junto ao XI Salão da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), no Rio de Janeiro, em junho de 2009.

O livreto *Palavras antes de tudo* traz o selo das “Seis Nações” e nos convida a estreitar nossos laços com a Terra, a Água, o Vento e outras formas com que o mundo natural se/nos revela em contraponto ao quadrado dos tempos modernos. Porque quase desconhecemos a riqueza que habita na circularidade do mundo natural, saudemos:

A Mãe Terra

Somos todos gratos a nossa Mãe terra, pois ela nos dá tudo que precisamos para viver. Ela apoia nossos pés sobre o chão quando caminhamos sobre ela. Ela nos dá a certeza de que continuará a cuidar de nós como tem cuidado desde o começo dos tempos. A nossa Mãe Terra, enviamos nossa saudação e gratidão. Agora nossos pensamentos são um. (p. 7).

As Águas

Nós agradecemos a todas as águas do mundo por saciar a nossa sede e nos prover de forças. A água é vida. Sua força é conhecida de diversas formas – cachoeiras e chuva, orvalhos e riachos, rios e oceanos. Com um pensamento, nós mandamos nossa saudação e gratidão ao espírito da Água. Agora nossos pensamentos são um. (p. 9).

Os ventos

Somos gratos aos poderes conhecidos como Quatro Ventos. Nós ouvimos suas vozes no ar que se movimenta e eles nos refrescam e purificam o ar que respiramos. Eles ajudam a trazer a mudança das estações. Das quatro direções eles vêm, trazendo mensagens e nos dando força. Com um só pensamento, nós mandamos nossa saudação e gratidão aos Quatro Ventos. Agora nossos pensamentos são um. (p. 25).

O sol

Nós agora enviamos nossa saudação e gratidão ao nosso Irmão Maior, o Sol. A cada dia, sem faltar, ele viaja pelo céu de leste a oeste, trazendo a luz de um novo dia. Ele é a fonte de todo o fogo da vida. Com um só pensamento, nós enviamos nossa saudação e gratidão ao nosso Irmão Sol. Agora nossos pensamentos são um. (p. 29).

Nesse compasso, o tempo da história nos impele a seguir na luta pelo reconhecimento, aguçando o nosso modo ler as coisas do mundo. A luta continua porque a literatura, dentre outras artes indígenas, nos fortalece; pois como ressalta o parente Edson Kaiapó, no artigo “Literatura indígena e encantamento dos corações”, publicado na *Revista Leetra*:

os escritores indígenas são os guerreiros de luz que colocam [os] conhecimentos orais à disposição da sociedade nacional. São conhecimentos coletivos, gerados no tempo milenar pelos

nossos antepassados, propagados pelos ‘novos apóstolos’ das nossas religiões. (2013, p. 33)

Os nossos filhos e netos herdam desde cedo esses saberes. Continuo aprendendo a ser o que sou, desse jeito: desde os antigos é assim. Ora, se olharmos para a Constituição Federal de 1988; sobretudo, diante do processo de destruição pela qual está passando ultimamente, suas folhas arrancadas em nome de interesses mesquinhos; talvez restem algumas brechas para o indígena mostrar o seu papel na sociedade brasileira; para mostrar que nosso saber não é de agora, nem desgovernado e que não atravancamos o progresso. Mesmo assim, paira o olhar do outro sobre o exótico, o folclórico, menos para o ser pensante, o ser que intui desde sempre que seu papel também é fazer Arte; a começar pela arte de pensar, de refletir que a Terra não nos pertence; nós indígenas pertencemos a ela, à Terra (nossa mãe).

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

KAIAPÓ, Edson. Literatura indígena e encantamento dos corações. *Revista Leetra Indígena*, São Paulo, v. 2, n° 2, p. 33, 2013. p. 31-35.

ROTHENBERG, Jerome. *Etnopoesia do milênio*. Rio de Janeiro: Editora Azouque, 2000

SALTARELLI, Denise. Dimensões femininas no encerramento do curso de férias do MI. In: *Museu do Índio. Funai*. 2015a. Disponível em:

<<http://www.museudoindio.gov.br/divulgacao/noticias/920-dimensoes-femininas-no-encerramento-do-curso-de-ferias-do-mi>>. Acesso em: 13/08/2017

SALTARELLI, Denise. Direito, arquitetura e literatura em dimensões indígenas, In: *Museu do Índio. Funai*. 2015b. Disponível em:

<<http://www.museudoindio.gov.br/divulgacao/noticias/917-direito-arquitetura-e-literatura-em-dimensoes-indianas>>. Acesso em: 13/08/2017

PALAVRAS antes de tudo. New Mexico/EUA: Six Nations Indian Museum; Tracking Project Tree of Peace Society, 1993.